



Introdução: Um encontro entre fé e questões

A questão de por que os judeus, como comunidade religiosa, não reconhecem Jesus como o Messias é um ponto central no diálogo inter-religioso e na teologia católica. Para os cristãos, Jesus é o cumprimento das promessas messiânicas do Antigo Testamento, a encarnação do Verbo de Deus e a esperança viva de salvação. No entanto, essa convicção não é compartilhada pelo judaísmo, uma religião profundamente enraizada na expectativa do Messias. Este artigo explora as razões históricas e teológicas dessa divergência, sua importância para os cristãos e como essa compreensão pode iluminar nosso relacionamento com Deus e com o próximo.

Contexto bíblico e histórico: As raízes da divergência

O Messias no judaísmo

No Antigo Testamento, o Messias é uma figura prometida, o Ungido de Deus, que trará salvação, justiça e paz a Israel (Isaías 9,6-7; Jeremias 23,5-6). Contudo, as expectativas sobre quem seria esse Messias e como ele cumpriria sua missão não eram uniformes. Alguns textos proféticos apresentam o Messias como um rei poderoso que restaurará o trono de Davi, enquanto outros o descrevem como um servo sofredor (Isaías 53).

Na época de Jesus, Israel estava sob ocupação romana, e muitos esperavam um líder político e militar que libertasse a nação da opressão estrangeira. Jesus, porém, proclamou um Reino de Deus que não é deste mundo (João 18,36), focado na conversão dos corações e na reconciliação com Deus. Isso contrastava com as expectativas populares e com a interpretação das Escrituras pelos líderes religiosos da época.

Conflitos com fariseus e sacerdotes

Durante seu ministério, Jesus questionou práticas e tradições estabelecidas, convocando a um profundo renascimento espiritual. Seus ensinamentos e ações – como o perdão dos pecados, as curas no sábado e sua afirmação de ser um com o Pai (João 10,30) – foram vistos por muitos líderes religiosos como blasfemos e como uma ameaça à ordem religiosa. Segundo a fé cristã, a crucificação de Jesus cumpriu as profecias sobre o Servo Sofredor. No entanto, para os judeus de sua época, sua morte como criminoso confirmou que ele não poderia ser o Messias, já que não trouxe a vitória esperada.



O desenvolvimento do cristianismo e a separação do judaísmo

Após a ressurreição de Jesus, os primeiros cristãos (em sua maioria judeus) começaram a pregar que Jesus era o Messias prometido. Contudo, as tensões aumentaram à medida que essa nova fé se distanciava do judaísmo tradicional. A destruição do Templo em 70 d.C. marcou um ponto de virada: o judaísmo rabínico e o cristianismo seguiram caminhos separados, desenvolvendo interpretações diferentes das Escrituras.

Importância teológica: Cristo como cumprimento das promessas

Jesus, o Messias para todas as nações

Para os cristãos, Jesus não apenas cumpriu as profecias messiânicas, mas também revelou seu pleno significado. Sua missão foi além da libertação política, oferecendo salvação eterna a toda a humanidade. São Paulo explica em suas cartas: “Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se ele próprio maldição em nosso lugar” (Gálatas 3,13), indicando que a cruz foi o meio pelo qual Deus reconciliou o mundo consigo.

A relação entre o Antigo e o Novo Testamento

O rejeição de Jesus pelos judeus pode parecer paradoxal, mas tem um sentido no plano de salvação de Deus. São Paulo, em Romanos 11, descreve essa rejeição como parte do mistério de Deus, que permitiu que a salvação alcançasse os gentios. No entanto, Paulo também afirma que “Deus não rejeitou seu povo” (Romanos 11,1) e que, no final, todo Israel será salvo (Romanos 11,26), expressando uma esperança de reconciliação futura.

Aplicações práticas: Lições para nossa fé

1. **Humildade no testemunho**

A rejeição de Jesus por muitos judeus nos convida a refletir sobre como testemunhamos nossa fé. Vivemos como verdadeiros discípulos de Cristo, demonstrando amor, justiça e compaixão? Um testemunho autêntico muitas vezes fala mais alto do que qualquer argumento teológico.

2. **Oração pela unidade**

Como cristãos, somos chamados a orar pela unidade entre todos os crentes. Rezar por



nossos “irmãos mais velhos na fé”, como São João Paulo II chamava os judeus, é um ato de amor e de esperança no plano de Deus.

3. **Reconhecer Cristo na vida cotidiana**

Assim como muitos não reconheceram Jesus como o Messias em sua época, também podemos falhar em reconhecê-lo em nossa vida diária. Ele está presente nos pobres, nos necessitados, nos momentos de sofrimento e na Eucaristia. Nós o reconhecemos?

Reflexão contemporânea: Desafios e oportunidades hoje

Em um mundo pluralista, o diálogo inter-religioso é mais importante do que nunca. Compreender as raízes da rejeição de Jesus pelos judeus não deve nos levar à condenação, mas à empatia e ao respeito mútuo. Como declara o Concílio Vaticano II em *Nostra Aetate*, a Igreja “deplora todas as formas de ódio, perseguição e antissemitismo dirigidas contra os judeus em qualquer época e por qualquer pessoa”.

Essa reflexão também nos desafia a viver nossa fé com coerência e autenticidade. Demonstramos o amor de Cristo aos outros? Somos capazes de dialogar com quem pensa diferente, buscando pontos em comum em vez de divisões?

Conclusão: Um convite à reconciliação e ao testemunho

O mistério da rejeição de Jesus pelos judeus é um convite a aprofundar nossa fé e a reconhecer o plano de Deus, que sempre busca a salvação de todos. Como cristãos, somos chamados a ser pontes de reconciliação, a orar pela unidade e a testemunhar o amor de Cristo no mundo.

Esse caminho não é fácil, mas é o caminho que o próprio Jesus nos mostrou: amar a todos, inclusive aqueles que não compartilham nossa fé, e confiar que Deus cumprirá suas promessas em seu tempo perfeito. Vivamos nossa fé com humildade, gratidão e esperança, sabendo que fazemos parte de uma história de redenção que abrange toda a humanidade.